

ENTREVISTA – Vera Lúcia Lopes Cristovão: o interacionismo sociodiscursivo em discussão

INTERVIEW – Vera Lúcia Lopes Cristovão: the sociodiscursive interactionism under discussion

Alessandra Augusta Pereira da Silva*

Maria Izabel Rodrigues Tognato*

A Profa. Dra. Vera Lúcia Lopes Cristovão¹ é doutora em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela PUC/SP, professora associada e chefe do Departamento de Letras Estrangeira Moderna da Universidade Estadual de Londrina – UEL, coordena o grupo de pesquisa **Linguagem e Educação** da Universidade Estadual de Londrina - UEL, desenvolvendo dois grandes projetos: 1) **Gêneros textuais e educação inicial de professores de língua inglesa (GENTEDIPLI)**, e 2) **Desenvolvimento em rede: análise de ações de linguagem em atividades de trabalho docente**. O primeiro tem por objetivo aprofundar as reflexões teóricas de questões que consideram as práticas de linguagem e o agir no trabalho, o projeto de pesquisa, privilegiando a educação inicial e a constituição do gênero profissional docente. Consideram-se, assim, os diversos conjuntos de textos (de diferentes gêneros textuais) que circulam na formação inicial configurando uma rede de discursos que ajudam a tecer o gênero profissional docente e que, de alguma forma, contribuem para a aprendizagem profissional do futuro professor. O segundo projeto objetiva investigar o desenvolvimento profissional na esfera escolar por meio da análise de ações de linguagem em atividades de trabalho docente e de aprendizagem das dimensões constitutivas desse *métier* (PLACCO, 2006).

Além disso, Vera Cristovão já desenvolveu outros projetos, tais como: a) a Parceria universidade/escolas: contribuições para aprendizagem de língua inglesa; b) o ensino da língua inglesa no Paraná e formação de professores durante a prática de ensino nos curso de Letras; c) *Initial EFL teacher education in Latin America: identifying common ground for innovation*; d) Materiais Didáticos para Ensino de Línguas para Educação Básica; e) Programa NAP - Núcleo de Assessoria Pedagógica para o Ensino de Língua; f) Formadores de Professores de Língua Inglesa em Foco: Um Estudo da Atividade e das Ações de Linguagem; g) Gêneros Textuais no Ensino Médio: Modelos Didáticos para uma Abordagem no Ensino de Língua Materna; e, h) Modelos Didáticos de Gêneros: uma abordagem para o ensino de LE.

Vera Cristovão foi presidente da APLIEPAR de 1995 a 1999 (Associação de

Professores de Língua Inglesa no Estado do Paraná), e, atualmente, é membro da ALAB (Associação de Lingüística Aplicada do Brasil) e da ABRAPUI (Associação Brasileira de Professores Universitários de Inglês). A professora mantém o vínculo com o grupo de pesquisa ALTER (Análise da Linguagem, Trabalho e suas Relações) da PUC de São Paulo entre outros trabalhos no Brasil e com pesquisadores da Suíça. Vera Cristovão também é professora no programa de pós-graduação da UEL (PPGEL - UEL), orientando trabalhos desde a Iniciação Científica até alunos em nível de pós-doutoramento. É parecerista da revista *Linguagem em (Dis)curso*, da *Revista Brasileira de Lingüística Aplicada* e da *Revista Linguagem e Ensino*. Foi membro da comissão editorial da revista *SIGNUM: Estudos da Linguagem (UEL)* por 4 anos. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Formação de professores, atuando principalmente nos seguintes temas: gêneros textuais, educação inicial e continuada e ensino de língua estrangeira. Atualmente é Pesquisadora em Produtividade em Pesquisa pela Fundação Araucária, sendo Bolsista Produtividade em Pesquisa da Fundação Araucária (PR) no período de novembro/2009 a outubro/2010 (nº 16826).

Assim, a Profa. Dra. Vera Cristovão dedica-se aos estudos do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD) (BRONCKART, 1999/2003/2007/2009; 2006; 2008; 2009), à perspectiva do ensino de gêneros e da seqüência didática (SCHNEUWLY E DOLZ, 2004; MACHADO E CRISTOVÃO, 2006; CRISTOVÃO, 2007; 2008, 2009). Com isso, seus estudos enfocam especificamente questões relacionadas à linguagem e educação, bem como linguagem e trabalho no sentido de interpretar as representações que são construídas em textos no e sobre o trabalho docente por professores e expandir a discussão das dimensões que constituem esse gênero profissional a partir das propostas de análise desenvolvidas por Bronckart e Machado (2004).

Ao ser questionada sobre sua avaliação em relação ao papel do curso de Letras na formação do professor de línguas, a professora afirma que o curso de Letras pode ser um espaço que gere desenvolvimento. Em suas palavras, "No curso, as diferentes situações de ensino e aprendizagem poderiam criar as tensões necessárias para que o aluno, futuro professor, pudesse superar seu nível atual e apreendesse sistemas mais complexos como artefatos simbólicos e materiais." Na continuidade, a professora defende um projeto de formação inicial organizado em uma perspectiva de gêneros. Esse projeto "se voltaria para possibilitar aos alunos, futuros professores, vivenciarem a aprendizagem de princípios para o ensino, a própria concepção de linguagem como prática social, a pesquisa como constitutiva do agir docente e um trabalho com gênero

relacionado ao seu uso em situações de comunicação, ou seja, o agir linguageiro e agir prático imbricados no uso de um gênero.”

Depois de concluído a apresentação da Profa. Dra. Vera Lúcia Lopes Cristovão, considerando seu envolvimento e comprometimento acadêmico, científico e profissional com o contexto de produção atual em relação ao trabalho com textos e produção textual no quadro educacional, mais especificamente, no ensino de línguas, apresentamos a entrevista concedida por Cristovão, a seguir.

Revista NUPEM: O que você tem desenvolvido em relação às pesquisas, qual tem sido o teu foco de estudo?

Prof. Vera Lúcia Lopes Cristovão: Meu foco tem sido *gêneros textuais e formação (inicial e continuada) de professores* tanto em sua relação com o processo de ensino e aprendizagem quanto em sua relação com o desenvolvimento profissional.

Revista NUPEM: O que te levou a desenvolver pesquisas na perspectiva teórico-metodológica do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD)? Em outras palavras, qual a tua história com o ISD e como tudo começou?

Prof. Vera Lúcia Lopes Cristovão: Meu primeiro contato com o ISD se deu quando estava desenvolvendo minha pesquisa de mestrado (1994 – 1996) na PUC-SP no Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas. Nessa ocasião, já usei alguns procedimentos do ISD em minhas análises do discurso do professor em sala de aula de língua estrangeira a fim de caracterizar o uso de língua materna no ensino-aprendizagem de língua estrangeira em relação ao tipo de discurso, tipo de unidades linguísticas, funções, objetivo, conteúdo e contexto. Para definir o tipo de discurso em língua materna produzido pelos professores, utilizei procedimentos do método de análise de texto de Bronckart com a finalidade de examinar a relação entre o tipo de discurso encontrado e a proposta de ensino. Em meados de 1997, me envolvi com a elaboração de material didático para assessorar os professores da Rede Pública do NRE de Londrina. No fim de 1997 e 1998, coordenei e compus a equipe de produção de material didático para as classes de aceleração no estado do Paraná, o chamado Programa Correção de Fluxo. O material foi construído em torno de gêneros textuais para o ensino de inglês no ensino fundamental. Parte desse material foi objeto de análise da minha tese de doutorado, concluída em 2001, com defesa em 2002. Foi em 2002 que criei o

grupo de pesquisa Linguagem e Educação e em 2003 que ingressei no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da UEL. Desde então, orientei 21 projetos de iniciação científica, 11 dissertações de mestrado e duas teses de doutorado, bem como co-orientei uma dissertação e uma tese de programas de duas universidades federais. Todos esses trabalhos de pesquisa se servem do aporte teórico-metodológico do ISD.

Revista NUPEM: Há representatividade do ISD fora do Brasil? Como tem sido este trabalho? E, como tem sido a representatividade do ISD no Brasil e, especificamente, no Paraná?

Prof. Vera Lúcia Lopes Cristovão: Jean-Paul Bronckart define o ISD como uma “*ciência do humano*” que está em construção há pouco mais de vinte anos por diversos pesquisadores, em especial, da Universidade de Genebra. Sua expansão já possibilitou a representatividade do ISD em Portugal, no Brasil e na Argentina. No Brasil, o grupo de pesquisa da Profa. Dra. Anna Rachel Machado da PUC-SP é o primeiro a se destacar. Também expandimos no Brasil, com grupos de pesquisa no Rio Grande do Sul, no Paraná, em Minas Gerais e no Ceará. No Paraná, mais especificamente, já são vários os grupos de pesquisa que se servem do ISD em suas pesquisas. As atividades desenvolvidas no grupo de pesquisa Linguagem e Educação (UEL), cadastrado junto ao CNPq desde 2002, possibilitou um trabalho em rede junto a diversas instituições de ensino superior da rede pública do estado do Paraná, a saber: UENP (Cornélio Procopio), UEM (Maringá), FECILCAM (Campo Mourão), UNICENTRO (Guarapuava), UTFPR (Pato Branco), IFPR (Paranaguá). Além do Paraná, também construímos laços com os Institutos Federais do Rio de Janeiro e do Rio Grande do Sul².

Revista NUPEM: E em relação à formação inicial, qual é a sua avaliação em relação ao papel do curso de Letras na formação do professor de línguas?

Prof. Vera Lúcia Lopes Cristovão: O curso de Letras PODE ser um meio privilegiado para criar zonas de desenvolvimento proximal necessárias para a aprendizagem e para o desenvolvimento. No curso, as diferentes situações de ensino e aprendizagem poderiam criar as tensões necessárias para que o aluno, futuro professor, pudesse superar seu nível atual e apreendesse sistemas mais complexos como artefatos simbólicos e materiais. Eu diria que um projeto de formação inicial para professores organizado em uma perspectiva de gêneros se voltaria para possibilitar aos alunos, futuros professores, vivenciarem a

aprendizagem de princípios para o ensino, a própria concepção de linguagem como prática social, a pesquisa como constitutiva do agir docente e um trabalho com gênero relacionado ao seu uso em situações de comunicação, ou seja, o agir linguageiro e agir prático imbricados no uso de um gênero. Trabalhar com gêneros significa trabalhar com o agir no mundo.

Revista NUPEM: Quanto ao estágio no curso de Letras, é possível desenvolver um trabalho na perspectiva do ISD no Estágio Supervisionado de Língua Inglesa? Quais seriam as implicações e/ou possíveis contribuições/desafios?

Prof. Vera Lúcia Lopes Cristovão: Partindo da necessidade de proporcionar ao professor em formação inicial uma relação estreita entre ensino e pesquisa, ao mesmo tempo em que precisamos nos servir de abordagens que nos possibilitem interpretar as dimensões profissionais desse profissional e oferecer coerência entre o tipo de ensino que proporcionamos na formação inicial e o que esperamos encontrar em sua prática na formação continuada, orientei minha prática pelos conceitos de gênero textual como instrumento para a formação de professores e de modelo didático de gênero como elemento constitutivo do planejamento didático.

Assim, em relação ao estágio, vou dar meu depoimento do trabalho que costumeiramente desenvolvia nas disciplinas de Prática de Ensino de Inglês 1 e 2 (nos terceiros e quartos anos, respectivamente).

Algumas das atividades sugeridas nas ementas das disciplinas eram: grupos de estudo, atividades práticas como observação de contextos educacionais; análise de material didático; análise de práticas de avaliação; planejamento; produção de atividades de ensino de língua estrangeira; regência (prática de ensino de língua estrangeira); avaliação; investigação pedagógica e elaboração de textos como relatório crítico e resenha.

Nos grupos de estudos, fazíamos leitura e discussão de textos relacionados às atividades práticas que seriam desenvolvidas. A primeira delas contemplava a observação de contextos educacionais com um roteiro de observação elaborado conjuntamente a partir de referências como Vieira Abrahão (2002), por exemplo. Como parte dessa atividade, os alunos eram orientados a elaborarem um relatório em que registrariam e analisariam os fatores implicados no trabalho educacional (o contexto macro de ensino, a prática docente, a aprendizagem e o material didático, por exemplo). Considero esta análise como o primeiro procedimento para a construção de um modelo didático de um determinado gênero textual – a análise do

contexto.

Outras atividades práticas envolviam a análise de materiais didáticos do ensino fundamental e médio e de práticas de avaliação, como as provas do vestibular da instituição ou provas do contexto educacional observado. Essas atividades também contribuíam para a identificação e a seleção de gêneros textuais que deveriam ser focos do ensino na escola.

A partir dessa seleção, os alunos, futuros professores, eram guiados para realizar uma consulta à literatura especializada, buscando acesso aos conhecimentos já construídos sobre seu objeto de análise, o gênero em questão, realizando-se, assim, o segundo tipo de estudo necessário para a construção do modelo didático, a pesquisa em torno dos conhecimentos dos *experts* sobre o gênero estudado.

Para prosseguirem com a construção de um modelo didático de gênero, os alunos, futuros professores, eram orientados na realização de análises lingüístico-discursivas de um determinado córpus de texto, considerados *a priori* como pertencentes ao gênero. O cruzamento dos resultados desses três tipos de análise e orientados pelas capacidades dos alunos, construíamos o modelo didático com a indicação dos elementos que seriam objetos de ensino na sala de aula.

A seguir, a partir desse modelo didático construído, os alunos, futuros professores, se voltavam para a preparação de atividades didáticas para mediar o processo de ensino-aprendizagem com alunos do ensino fundamental e/ou médio.

Este trabalho que relatei toma a pesquisa como elemento essencial na formação profissional do professor bem como condição *sine qua non* para a construção de modelos didáticos de gêneros. A atividade de observação de contextos educacionais implica o aluno, futuro professor, em pesquisa com observação e estudo das características de um contexto real. É pela análise do contexto que se determina o gênero a ser trabalhado, as capacidades de linguagem que os alunos já dominam e aquelas que precisam ser aprendidas, ao passo que a análise do córpus, formado por textos de referência, mostra o funcionamento da linguagem em textos do gênero sendo pesquisado e determina os objetos de ensino. Poder contar com o estudo de um gênero viabiliza a adoção de critérios coerentes para seleção de textos, elaboração ou adaptação de material didático voltado para atingir objetivos e desenvolver dimensões do trabalho do professor.

Revista NUPEM: Em relação ao ensino de línguas estrangeiras, especificamente, existe uma proposta dentro dessa linha? Qual é como?

Prof. Vera Lúcia Lopes Cristovão: Eu, Ana Paula Marques Beato Canato, Célia Regina Capellini Petreche, Marlene Ferrarini e Lucas Moreira dos Anjos Santos formados de uma equipe de professores de diferentes espaços educacionais (universidade, educação básica pública e instituto de línguas) com o propósito de desenvolver um material voltado para possibilitar que o aluno, por meio do estudo de textos e desenvolvimento de atividades práticas, amplie suas possibilidades de participação social, tanto pelo aprendizado da língua inglesa quanto pelas reflexões proporcionadas durante a realização dos trabalhos. Para alcançarmos tais objetivos, produzimos uma coleção didática em que cada volume continha sete sequências didáticas (SDs), produzidas com base nos pressupostos teóricos do interacionismo sociodiscursivo. Avalio que a coleção GEAR UP concretizou uma proposta dentro dessa linha.

A partir da concepção de que a Língua Inglesa também pode contribuir para a construção do conhecimento e para o desenvolvimento da formação do indivíduo, a coleção foi estruturada de modo que as SDs produzidas pudessem propor o ensino de língua inglesa a fim de:

- trabalhar com práticas sociais;
- viabilizar atividades práticas nas quais a língua estrangeira possibilite o contato com outras formas de entender o mundo;
- ampliar a possibilidade de participação efetiva em novas práticas sociais;
- empreender ações com a linguagem para agir no mundo social;
- socializar diferentes pré-construídos culturais que podem revelar traços culturais distintos e diversos.

Com relação à progressão, as SDs de cada volume estão organizadas de modo que o aluno construa de forma gradativa conhecimentos sobre os gêneros selecionados. Em diferentes momentos, o trabalho com a língua aborda compreensão e produção escrita e oral, de forma a capacitar o aluno a agir com a linguagem em diferentes situações de comunicação. Buscamos organizar as atividades de modo que, ao abordarmos um texto (escrito ou oral), a progressão em espiral seja privilegiada, possibilitando ao aluno reencontrar um mesmo objeto de ensino em diferentes etapas da aprendizagem. São as diferentes situações de comunicação que exigem uma maior complexidade quanto ao gênero textual e sua composição.

Cada volume da coleção está organizado em SDs que procuram contemplar tanto a compreensão quanto a produção oral e escrita.

Revista NUPEM: Qual a relação entre a proposta do ISD, o ensino de gêneros e a seqüência didática? Como você define o ensino de gêneros e a seqüência didática? Ou seja, quais são as características fundamentais do ensino de gêneros e da seqüência didática?

Prof. Vera Lúcia Lopes Cristovão: Os gêneros se constituem como artefatos simbólicos que se encontram à nossa disposição na sociedade, ou seja, configuram-se como práticas sociais de referência para nosso agir. Entretanto, só podem ser considerados como verdadeiros instrumentos, quando nos apropriamos deles, considerando-os úteis para nosso agir com a linguagem. Portanto, podemos pensar que, no ensino em torno de uma abordagem com base em gêneros, se os aprendizes não sentirem necessidade de um determinado gênero para seu agir verbal, haverá muito maior dificuldade para sua apropriação.

O ISD propõe o procedimento de seqüência didática para organizar o ensino. A seqüência didática é considerada um conjunto de atividades progressivas, planejadas em torno de uma situação de comunicação clara, guiadas por um objetivo geral, voltadas para um projeto de classe e orientada por gênero(s). Ela seria constituída de uma produção inicial, feita sobre uma situação de comunicação que orientaria a seqüência didática, e de módulos que levam os alunos a se confrontarem com os problemas do gênero tratados de forma mais particular. Como fechamento, haveria uma produção final.

O procedimento seqüência didática se desenvolveria a partir de um diagnóstico, ou seja, uma primeira produção de um texto pertencente a um gênero adequado a uma esfera de atividade e em uma situação clara para aquele produtor de texto. Esse diagnóstico serve então para orientar a elaboração de diferentes atividades que proporcionam recursos e meios para a aprendizagem de diferentes operações de linguagem necessárias para a refacção daquele mesmo texto. Ou seja, a refacção é um princípio, um procedimento absolutamente constitutivo da aprendizagem, seja ela para um texto oral ou escrito. O aprendiz pode ter essa oportunidade de olhar de novo para o texto.

Nessa mesma linha de raciocínio, em relação ao uso de gêneros como instrumentos para o ensino e eixo organizador de seqüências didáticas, é necessário que o conjunto de atividades propicie a transposição didática adequada dos conhecimentos científicos sobre os gêneros para o nível dos conhecimentos a serem efetivamente ensinados, de acordo com as capacidades dos alunos, suas necessidades, interesses e objetivos.

Revista NUPEM: Ao tratar do processo de ensino e aprendizagem de línguas, quanto às capacidades de linguagem, como você as definiria e qual o seu papel? Como a mobilização dessas capacidades de linguagem pode auxiliar no desenvolvimento humano?

Prof. Vera Lúcia Lopes Cristovão: Para o ISD, os gêneros devem ser tomados como instrumentos de ensino a fim de desenvolver as capacidades de linguagem dos alunos, definidas por Dolz, Pasquier e Bronckart em 1993, como “aptidões requeridas para a realização de um texto numa situação de interação determinada”. Didaticamente, elas são divididas em:

Capacidade de ação — capacidade de mobilizar conhecimentos e representações que contribuem para o reconhecimento do gênero, adequação ao contexto de produção e mobilização de conteúdos.

Capacidade discursiva — capacidade de mobilizar conhecimentos e representações relacionados à organização do conteúdo em um texto e sua forma de apresentação.

Capacidade lingüístico-discursiva — capacidade de mobilizar conhecimentos e representações relacionados ao domínio de operações de linguagem (coesão e coerência, por exemplo).

É importante destacar que essas capacidades não são dissociadas umas das outras, e sim articuladas como uma engrenagem. Nesse sentido, são dependentes umas das outras, da mesma forma que, ao nos comunicarmos, não pensamos separadamente nem tomamos o gênero por partes, mas o consideramos como um todo coeso e o utilizamos com determinados propósitos comunicativos. As capacidades de linguagem estão diretamente relacionadas ao agir linguageiro possibilitado por conhecimentos do *saber dizer* e que se articulam ao agir prático que demanda o *saber fazer*.

Revista NUPEM: As ações intervencionistas das pesquisas realizadas no contexto escolar não são muito pontuais? O que seria necessário para que tais pesquisas pudessem ocorrer de modo mais coletivo? De que modo esse tipo de trabalho poderia ajudar a valorizar a profissão docente?

Prof. Vera Lúcia Lopes Cristovão: Essas perguntas me fazem pensar em pelo menos dois grandes desafios atualmente: 1) o impacto e a sustentabilidade das propostas resultantes de pesquisas e 2) a relação das pesquisas com políticas públicas de ensino e de formação de professores.

Assim como as perguntas, nossas tarefas de intervenção no contexto escolar são desafiadoras. Desafiadoras porque realmente acredito que

precisamos trabalhar em rede. O que quero dizer com isso? Quero dizer que sou favorável à proposta de projetos inter e transdisciplinares, deixando o foco isolado e individual de um conteúdo disciplinar para um trabalho coletivo e colaborativo. Também acho que nossas atividades ou ações na educação devem ser tratadas de forma vinculadas aos âmbitos econômico, social, cultural etc. O trabalho em rede é um elemento crucial para superar esses desafios. A pesquisa participativa, o trabalho colaborativo, por exemplo, entre educação inicial e continuada, e atividades multidisciplinares são possibilidades que permitem ressignificar nossas práticas investigativas.

Revista NUPEM: Atualmente na educação, há uma discussão acerca de “modismos” teóricos e metodológicos no ensino aprendizagem de línguas, dado tal informação, o ISD poderia incorrer na mesma situação?

Prof. Vera Lúcia Lopes Cristovão: Com certeza! Infelizmente, acho que é muito fácil incorrer no erro do gênero se tornar pretexto para ensino de vocabulário ou de gramática ou de outra coisa. Já vivenciamos essa situação quando passamos a trabalhar com textos em sala de aula e, em muitos casos, eles se tornaram pretexto. Acho que as transposições que fazemos do conhecimento científico para o conhecimento a ser ensinado pode nos levar para enfoques diferentes que podem gerar práticas significativamente produtivas e diferenciadas ou uma maquiagem nova para uma velha prática. O trabalho com gêneros é uma das propostas que pode ser desenvolvida, mas não a única.

Revista NUPEM: O que você tem a dizer ao estudante de letras e ao professor da área da linguagem sobre a opção por essa linha teórica como subjacente à prática pedagógica?

Prof. Vera Lúcia Lopes Cristovão: A opção pela linha teórica do ISD envolve alunos e professores em práticas que demandam empenho, estudo, vivência com a perspectiva teórica-metodológica e engajamento. Nada acontece da noite para o dia e muito menos em um toque de magia. Atuar na prática pedagógica na linha do ISD representa um processo longo, árduo, comprometido, provocativo e investigativo.

Notas

* Mestre em Estudos Lingüísticos pela Universidade Federal de Curitiba/UFPR, Alessandra Augusta Pereira da Silva é professora assistente no Departamento de Letras da Faculdade Estadual de Campo Mourão/FECILCAM. Doutora em Linguística Aplicada e Estudos da linguagem pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/PUC, Maria Izabel Rodrigues Tognato é professora adjunta no Departamento de Letras da Faculdade Estadual de Campo Mourão/FECILCAM.

¹ Gostaríamos de agradecer à Profa. Dra. Vera Lúcia Lopes Cristovão por ter se disponibilizado em responder às perguntas da Revista NUPEM, da FECILCAM. Entrevista realizada no mês de setembro de 2010 na Universidade Estadual de Londrina/UEL.

² Rede formada a partir do grupo Linguagem e Educação no Estado do Paraná. Adaptação a partir de figura disponível em: http://www.google.com.br/imgres?imgurl=http://www.viagemdeferias.com/mapa/parana.gif&imgrefurl=http://www.viagemdeferias.com/mapa/parana/&h=414&w=415&sz=32&tbid=selLv0WqF2vpnM:&tbnh=125&tbnw=125&prev=/images%3Fq%3Dmapas%2Bdo%2Bparan%25C3%25A1&zoom=1&q=mapas+do+paran%3C%3A1&hl=pt-BR&usg=__DkAuYwlr_shBN6ETqnvkk9MRxA=&sa=X&ei=W-ukTP6kL4L98Abm8Kj-AQ&ved=0CCsQ9QEwBA. Acesso em: 08 de set. 2010.



Recebido em: agosto de 2010.
Aprovado em: setembro de 2010.